

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Trabalho e direito á preguiça [Work and right to laziness]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

|               |   |
|---------------|---|
| Item Type     | Article   |
| Authors       | Gutiérrez, Cláudio  |
| Publisher     | Instituto Humanitas Unisinos - IHU  |
| Rights        | With permission of the license/copyright holder   |
| Download date | 2026-07-02 02:57:27   |
| Link to Item  | <a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163373">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163373</a> |

---

## TRABALHO E DIREITO À PREGUIÇA

### Entrevista com Cláudio Gutiérrez

O professor das Ciências da Saúde da Unisinos, Cláudio Gutiérrez, concedeu a entrevista a seguir por e-mail ao **IHU On-Line**. Gutiérrez é graduado em Educação Física pelo Instituto de Porto Alegre (IPA), mestre em Educação pela Unisinos, doutorando em Educação do Ócio no Instituto de Estudos do Ócio na Universidade de Deusto, em Bilbao, Espanha, e autor de **Formação de professores na escola cidadã**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

**IHU On-Line- De que forma o ócio pode se constituir em espaço de formação cidadã e o que isso significa?**

**Cláudio Gutiérrez-** Acostumamo-nos a falar de cidadania da lógica liberal, de um status individual que implica direitos e deveres aos indivíduos reconhecidos como membros de uma comunidade. Esta cidadania formal se garante através de todo um aparato legal. A lei obriga o cidadão a comportar-se bem e ser responsável, caso contrário paga multas e sofre penas. Por outro lado, comporta-se bem tem garantidos uma série de direitos. O que temos observado hoje é que, de um lado, as pessoas não estão mais dispostas a cumprir uma lei que lhes parece alheia e que oprime; e de outro lado, em nossa sociedade de consumo os direitos da cidadania quase que se transformaram em objetos de consumo, consumimos os direitos da cidadania como se fosse um produto qualquer, reclamamos os direitos de cidadania como quem reclama direitos do consumidor. Transformamo-nos de cidadãos em consumidores de cidadania. Entre o medo "do chicote da lei" e o consumo de direitos perdeu-se a noção de virtude cívica. A proposição do ócio humanista para esta questão é que nos apropriemos dos espaços coletivos por onde nos leva nosso desejo, transformando-os em espaços de produção de cidadania pelo exercício da capacidade de atuar coletivamente na esfera pública, não pelo temor à lei ou pelo interesse na garantia de benefícios pessoais, mas pela satisfação que há em nos tornarmos humanamente membros de uma comunidade virtuosa que busca levar adiante um projeto de felicidade. Nessa perspectiva, os espaços e relacionamentos animados pelo conceito de ócio humanista tornam-se dispositivos de exercício e produção de cidadania. Existe uma série de coletivos, como grupos de esporte, de lazer, de dança de rua, confrarias gastronômicas, grupos literários, grupos de serviços, associações de bairro, grupos de defesa da natureza ... que potencialmente podem ser orientados ao exercício democrático, formação de espaço público e produção, via redes, de tecido social. Para quem acha que é pouco, nestes 40 anos do golpe militar no Brasil, observe que os movimentos de contracultura abalaram mais a moral conservadora do que toda a guerrilha à ditadura.

**IHU On-Line- Como fazer para desvincular cada vez mais o tempo livre da lógica da racionalidade econômica e da mercantilização?**

**Cláudio Gutiérrez-** Tempo livre é livre de quê? Do trabalho. Tempo livre é uma conquista da classe trabalhadora através das históricas lutas pela redução da jornada de trabalho, uma conquista muito importante que estamos correndo o risco de perder pelas atuais transformações do mundo do trabalho. O tempo livre conquistado oportunizou o desenvolvimento do lazer e de uma série de relações e experiências nos espaços de lazer que marcaram a conduta e os valores das pessoas. Mas a crítica ao conceito de tempo livre apareceu ainda na década de 1960, quando Adorno lançou a questão: o tempo livre de um indivíduo submetido à sociedade industrial pode ser livre? Ele observava que o consumismo e os *hobbies* da sociedade americana não tinham nada a ver com liberdade, eram apenas o outro

lado de uma relação mecânica com a sociedade industrial. Acho que o problema já começa se entendemos nossa capacidade criativa, nosso *élan* vital, nossa vontade de potência, reduzida ao conceito de força de trabalho: o ser humano reduzido a um animal que labora não deixa espaço para outra coisa que não produção e consumo, as duas faces desse processo metabólico com a natureza que é o labor. Para o tempo de trabalho, orientado a produção de objetos de consumo, o tempo livre oferece a possibilidade de consumo. É sintomático que medimos o quanto uma pessoa se deu bem na vida pela sua capacidade de consumo. O país mais poderoso do planeta tem uma população de obesos... não é por acaso. O consumo do ser humano reduzido ao animal *laborans* é um consumo de hambúrguer, batata frita, carro e bugigangas. Quanto melhor uma pessoa se dá na vida, em qualquer país, melhores as comidas, carros e bugigangas. Agora imagine que a estes consumistas escravos de si mesmos, obesos e sedentários, o capitalismo chama de elite! Retomando a questão, o conceito de tempo livre, importante para recuperação da força de trabalho, para o lazer e o consumo, não se desvincula da racionalidade econômica.

**IHU On-Line- Numa sociedade que expulsa, cada vez mais, as pessoas do mercado de trabalho e sobrecarrega as que ainda permanecem nele, falar de ócio não pode resultar algo alienante? Em que casos o discurso sobre o ócio poderia realmente ser alienante?**

**Cláudio Gutiérrez-** Falar em ócio significa voltar a afirmar o valor da vida contemplativa, dar um basta ao ativismo estéril que nos sobrecarrega de vazio (e também acho que a indústria do entretenimento que consagrou o domingo ao futebol faz parte desse monte de nada que nos empobrece). Também significa valorizar atividades não utilitárias que encontram um fim em si mesmas. Mas não gosto de empregar o termo ócio sozinho, porque os sujeitos que colocaram fogo em um índio que dormia o fizeram por puro deleite e prazer, sem outro interesse que não o de se divertir com isso. Para dar a direcionalidade positiva ao conceito é que o grupo no qual me insiro fala em ócio humanista (pelos mesmos motivos, mas reivindicando outra origem e finalidade, o De Masi fala em ócio criativo ). A resistência ao ativismo estéril encontra sentido se aliada a um projeto de desenvolvimento humano. Dessa perspectiva, a alienação se realiza quando a pessoa esquece sua humanidade e se reduz a uma utilidade, quando o corpo não sonha mais e o sujeito se torna objeto. Objeto de produção e consumo.

**IHU On-Line- O discurso sobre o ócio tem implícito alguma forma de questionamento da sociedade salarial ou alguma proposta alternativa?**

**Cláudio Gutiérrez** - Paul Lafargue<sup>8</sup> foi o mais tenaz crítico da sociedade salarial. Revolucionário de esquerda da época de Marx (era genro deste) reivindicava, frente à capacidade produtiva da indústria, uma drástica redução na jornada de trabalho. Percebendo que a sociedade capitalista, ao invés de oferecer tempo livre remunerado, iria fomentar uma torturante concorrência de uns poucos empregados com as máquinas (ao mesmo tempo em que cresceria uma massa desempregada e sem renda) conflagrava as classes trabalhadoras a lutarem por uma legislação que garantisse redução da jornada de trabalho. No manifesto **Direito à preguiça** (1880), escrito na prisão, previa sua derrota: "como exigir de um proletário

<sup>8</sup> O famoso livro de Paul Lafargue, **O Direito à preguiça** pode ser encontrado juntamente com o pequeno, mas instigante livro de Thierry Pacquot, em Paul Lafargue-Thierry Pacquot, **O Direito à preguiça/ A arte da sesta**, publicados pela editora portuguesa Campo das Letras, em 2002. No ano 2000 foi publicado uma versão brasileira do livro de P. Lafargue, com uma introdução da profa. Marilena Chauí, que está esgotada. Sobre a arte da sesta cf. **IHU On-Line** n.º 61, de 26 de maio de 2003. (Nota do IHU).

corrompido pela moral capitalista uma decisão viril?" Da mesma forma Bertrand Russell<sup>9</sup>, em seu elogio ao ócio (1935), propunha um ordenamento econômico da sociedade que possibilitasse a promoção do lazer e do ócio e a redução do trabalho. Via as possibilidades cada vez mais limitadas do trabalho assalariado como mecanismo de distribuição de renda. Fustigava: "a moral do trabalho é uma moral de escravos e o mundo moderno não precisa de escravidão". E antes de todos esses Aristóteles, que emanciparam seus escravos, quando no leito de morte, apontava, dentro da escravista sociedade clássica, que se as rocas das fiandeiras fiassem por si sós, o dono da oficina não precisaria mais de auxiliares, nem o senhor de escravos. Na atualidade, as proposições de alternativa passam pela garantia de direitos sociais e o debate e proposições sobre os direitos econômicos, como os programas de renda mínima (cada pessoa tem direito a uma parte da riqueza que a sociedade, como um todo, produz). De minha parte, acredito que há uma revolução íntima a ser travada por cada pessoa e comunidade que tenha a coragem de sonhar projetos de felicidade onde os seres humanos não se reduzem a produtores e consumidores de coisas.

## DESTAQUES DA SEMANA

### Artigo da Semana

#### COMO O BICHO PREGUIÇA VÊ O MUNDO

*Reproduzimos o artigo de Catherine Vincent, publicado no jornal **Le Monde**, em 12 de abril de 2004. Agradecemos aos colegas do Cepat, de Curitiba, pela tradução do texto.*

Todas as singularidades estão na natureza, mas algumas, certamente, são mais singulares que outras. Assim, este habitante das florestas tropicais do Novo Mundo, esse mamífero do tamanho de um pequeno cachorro e de uma insondável indolência, que passa os dias de barriga para cima, as garras firmemente agarradas aos galhos da árvore, numa posição que lhe é tão familiar que até os pêlos – sobre os quais prospera uma tal quantidade de algas que chegam a ficar esverdeados – são implantados ao contrário, da barriga para o dorso, de maneira a facilitar o escoamento da água da chuva. Assim vive o bicho preguiça, enigma da evolução. “Tanto a natureza nos parece viva, agitada, exaltada nos macacos, como ela é lenta, contida e acanhada nos bichos preguiça; e é menos preguiça que miséria, é privação, é indigência, é vício na conformação: falta de dentes incisivos e caninos, os olhos escuros e cobertos, a mandíbula tão pesada quanto grossa, o pêlo liso e parecido com a erva seca (...). Esses bichos preguiça são a última palavra sobre a existência na ordem dos animais de carne e sangue; um defeito a mais os teria impedido de viver”.

---

<sup>9</sup> O texto pode ser encontrado no livro Paul Lafargue e Bertrand Russell, **A economia do ócio**. São Paulo: Sextante, 2001. (Nota do IHU).